

Carga tributária e burocracia têm maior peso no Custo Brasil

Segundo estudo da Fiesp, produzir no país é 34,2% mais caro que em outros países. Patamar atual do dólar ajuda

Gustavo Machado

gmachado@brasileconomico.com.br
São Paulo

O chamado Custo Brasil — custo de encargos, burocracias e falta infraestrutura que tiram a competitividade da indústria — encarece a manufatura nacional em 25,4% segundo estudo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), ao qual o **Brasil Econômico** obteve acesso. Segundo a entidade, esse número já foi maior, mas devido às desonerações e à redução do custo de energia elétrica ele vem caindo paulatinamente. Se adicionado o efeito do câmbio, que à época do estudo estava a R\$ 2,10, a Fiesp indica que o custo seria ainda maior: o produto nacional ficaria 34,2% mais caro que o de países competitivos.

A pesquisa compara o custo de produção no Brasil com o de outros 15 países — entre eles Alemanha, Argentina, Chile, China e Estados Unidos — em setores divididos por intensidade tecnológica.

Para a Fiesp, carga tributária e burocracia ainda são os maiores vilões da produção. Somente estes quesitos encarecem os produtos em 15,5% no geral. Em setores de média intensidade tecnológica, que tiveram a folha de pagamentos desonerada e redução do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI), o peso desses quesitos ainda chega a 17,9%. "O governo já fez muita coisa para reduzir esse custo, mas o principal caminho devagar. Enquanto atrasam as



Mark Elias/Bloomberg

Setores de alta intensidade tecnológica, como o aeroespacial, tem sua produção encarecida em 36%

concessões de infraestrutura, a arrecadação cresce. Não há um horizonte favorável no curto prazo", lamenta José Ricardo Roriz, diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia da Fiesp.

Ele assume, contudo, que a dinâmica cambial recente deve ajudar a indústria nacional. Mas reitera que muitos dos países que serviram de comparação também sofreram uma desvalorização recente, o que diminui o ganho competitivo causado pela alta do dólar.

Na última segunda-feira, a Fundação Getúlio Vargas publicou

Segundo estudo da FGV, com o patamar atual, o câmbio está muito próximo de sua taxa de equilíbrio. Com o dólar a R\$ 2,40, o real, inclusive, ainda pode estar desvalorizado

uma carta sobre a taxa de equilíbrio do câmbio. Segundo o Centro de Macroeconomia Aplicada, esta taxa está muito próxima da atual. O patamar de R\$ 2,40, inclusive, estaria até abaixo do equilíbrio, indicando que o real está desvalorizado. Desde 2009 isso não acontecia, de acordo com o economista Emerson Marçal. "Isso ajuda a recuperar a força de competição de muitos setores, mas acende uma luz amarela frente à deterioração das contas externas", avalia.

Roriz concorda que o câmbio está em um bom patamar para a

indústria. Porém, é preciso aguardar a estabilização da moeda. Até lá, as incertezas mais atrapalham do que ajudam.

Além disso, políticas contractionistas, implementadas em decorrência da desvalorização cambial, não são favoráveis à indústria. "Para segurar a inflação, o governo está subindo os juros. Se o dólar sobe e nos ajuda, a Selic também sobe e minimiza esse efeito. É preciso atacar com maior velocidade esta distância que separa o Brasil do mundo competitivo", prega Roriz.

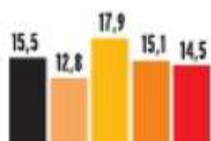
Roberto Ticoulat, presidente do Conselho Brasileiro das Empresas Comerciais Importadoras e Exportadoras (Ceclex), afirma que o país corre contra o tempo para garantir seu lugar ao sol em um mundo cada vez mais globalizado. O câmbio, em sua visão, é parte preponderante para que o país ganhe mercado no exterior e consiga reduzir o avanço de importados no mercado doméstico a longo prazo. "Até o fim do ano, esse câmbio mais alto não muda nada. Se manter este patamar, será convertido em ganho de competitividade. Mas ninguém sabe o que acontecerá mês que vem, quiçá 2014", diz.

Por fim, a Fiesp faz uma projeção catastrofista. Caso o cenário atual permaneça, ela prevê uma participação cada vez menor da indústria no Produto Interno Bruto. Em 2012, o setor respondeu por 13,3% do PIB. Na projeção da entidade, em 2029, ela seria responsável por 9,3% de tudo o que o país produz de bens e serviços.

COMPETITIVIDADE

O peso do Custo Brasil sobre a indústria de transformação, de acordo com o nível de intensidade tecnológica, em %

- Geral: indústria de transformação
- Baixa: Madeira, papel e celulose; gráfica; alimentos, bebidas e fumo; têxtil; couro e calçados
- Média-baixa: Construção naval; borracha e plásticos; coque; refino de petróleo; metalurgia básica
- Média-alta: Material plástico; veículos automotores; química; ferroviária; máquinas e equipamentos
- Alta: Aeroespacial; farmacêutico; informática; eletrônica e telecomunicações; instrumentos



4,5 3,8 4,2 3,7 5,1

